

## A MÍDIA E O CORDEL: DISCURSOS QUE SE ENTRECruzAM

Fernanda Moraes D'OLIVO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, proponho compreender o entrecruzamento entre os discursos circulados na mídia e nos cordéis. Para análise do *corpus* discursivo, baseei-me no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de perspectiva materialista e, por meio deste dispositivo, pude entender o funcionamento discursivo deste entrecruzamento na significação dos sentidos produzidos e circulados no cordel.

**Palavras-chaves:** Cordel; Mídia; Discurso.

**RESUME:** Je voudrais comprendre, em cet article, la relation entre les discours qui circulent dans la média et dans les *Cordéis*. J'ai utilisé la théorie de l'Analyse du Discours de perspective matérialiste pour faire les travaux d'analyse. Et, grâce à ce dispositif, j'ai compris le fonctionnement discursif de cette relation dans les productions et circulations de sens dans les *Cordéis*.

**Mot-clés:** Cordel; Média; Discours.

### 1. Introdução

Os versos do cordel trazem para os leitores ou ouvintes diferentes temáticas. Podemos ler nos folhetos desde histórias fantásticas como o cordel *A moça que bateu na mãe e virou cachorra*<sup>2</sup>, até assuntos que circulam no nosso meio social como o folheto *Lula de metalúrgico a presidente: o operário que virou presidente*.<sup>3</sup> No meio de tanta diversidade temática, chamaram-me a atenção os que tinham uma relação com a mídia de massa, retratando os mesmos assuntos. E é essa relação que será o meu lugar de análise, no qual busco compreender como se dá o entrecruzamento entre os discursos da mídia de massa e os dos folhetos, pensando no modo que esses discursos se significarão no acontecimento discursivo.

Para compreender essa relação discursiva, selecionei folhetos que retratam temas também tratados nos meios midiáticos. Os folhetos deste artigo fazem parte do acervo que constitui o meu *corpus* de pesquisa do mestrado<sup>4</sup>, composto por folhetos publicados a partir da década de 40 até os dias atuais. Devido a grande extensão temporal que abrange o meu material de pesquisa, é interessante, para pensar a respeito das condições de produção dos

---

<sup>1</sup> Aluna de mestrado do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP).

<sup>2</sup> Cordel escrito por Rodolfo Coelho Cavalcante.

<sup>3</sup> Cordel escrito por Pedro Costa.

<sup>4</sup> Pesquisa de mestrado financiada pela FAPESP (no. do processo: 08/51954-6).

folhetos, apresentar aqui um breve panorama sobre as características dos autores, do público e dos lugares de circulação da Literatura de Cordel ao longo dos anos.

## 2. Panorama sobre as condições de produção dos cordéis

### 2.1 *Os cordéis de antigamente: folhetos produzidos a partir da década de 40 até a década de 70*

Os primeiros poetas da Literatura de Cordel eram homens do povo, que compartilhavam os problemas e as mazelas sociais com as comunidades onde viviam. Eles eram, geralmente, habitantes do interior do nordeste, não tinham uma relação com assuntos políticos e trabalhavam como lavradores, carpinteiros, marceneiros, operários de pequenas fábricas, como, por exemplo, tecelagens, ou seja, eles exerciam trabalhos não prestigiados socialmente. Alguns poetas conseguiram sobreviver apenas com a arte de versejar, tornando-se poetas profissionais, como Leandro Gomes de Barros, mas isso era raro. A maioria trabalhava para ganhar o sustento e escrevia os seus versos quando tinha tempo.

Pesquisadores da Casa Rui Barbosa dividem os autores de cordel da década de 40 até a década de 70 em duas gerações. A primeira é constituída por poetas que foram responsáveis pelo estabelecimento do público, das normas de produção e distribuição e da padronização das regras do gênero, quanto à forma dos poemas. Esses autores frequentaram a escola por um pequeno período de tempo, como é o caso de José Camelo de Melo Resende, ou aprenderam a ler e a escrever fora dos bancos escolares, sendo este o caso da maioria dos cordelistas de 1900 a 1930. Como exemplo dessa primeira geração cito Leandro Gomes de Barros, Antônio Ferreira da Cruz, José Camelo de Melo Resende, entre outros. Os poetas considerados da segunda geração foram os que surgiram depois da década de 30. E são estes os que me interessa para este trabalho. Estes já cresceram ouvindo as recitações dos poemas e os reescreveram ou criaram outros títulos, inserindo-os nos seus próprios contextos. Esses autores também não tiveram uma educação formal, assim como os poetas da *primeira geração* e também trabalhavam em profissões não valorizadas socialmente. Geralmente eles eram trabalhadores rurais, operários, pedreiros, etc. Essa *segunda geração* de poetas populares traz consigo a criação das editoras de cordéis, sendo o seu pioneiro João Martins de Atayde, que realizou grandes mudanças na relação entre os poetas e o proprietário da gráfica - ao comprar os direitos autorais dos poetas - e na apresentação dos folhetos.

A respeito do público tradicional do folheto nordestino, posso dizer, baseando-me em inúmeros pesquisadores da área, que ele era constituído por pessoas humildes, vindas,

geralmente, do meio rural, que não possuíam nenhuma ou quase nenhuma educação formal e cujas profissões, assim como as dos cordelistas, não ocupavam um lugar de prestígio na sociedade. Tais semelhanças entre o público e os poetas populares permitiam que estes escrevessem versos sob o mesmo ponto de vista dos seus interlocutores, sendo que o assunto tratado no cordel obedecia ao interesse dos ouvintes ou leitores. Caso o tema não chamasse atenção do público, o folheto não fazia sucesso e não vendia, tornando-se prejuízo para o poeta. Assim, a inspiração do cordelista era o próprio público.

As feiras, festas e mercados de cidades interioranas nordestinas eram os lugares em que o público tomava conhecimento dessa literatura (MAXADO, 1980; CURRAN, 1991). Esses lugares eram pontos de vendas dos cordéis, onde os poetas recitavam as histórias, possibilitando que o público analfabeto tivesse conhecimento do que era dito nos versos dos folhetos. Vê-se, assim, que o cordel era um instrumento de socialização entre as pessoas e, visto que algumas temáticas apresentavam informações sobre a comunidade e sobre o que acontecia no Brasil, alguns pesquisadores como Kunz (2001), dizem que os folhetos, além desse papel de socialização, também tinham a função de levar a notícia para o povo, considerando que antes da década de 70, no interior do nordeste brasileiro, não havia uma grade circulação de meios de comunicação como, por exemplo, jornais – impresso ou televisivo - e revistas, sendo que o papel informativo do cordel era de extrema relevância para a população.

## *2.2 O cordel da década de 70 até os dias atuais*

Os tempos mudaram e os cordéis ainda existem aqui no Brasil percorrendo uma história de mais de cem anos. Os televisores agora são acessíveis a grande parcela da população, a energia elétrica chega a inúmeros lugares do Brasil e, hoje em dia, ainda existe a Internet, que, apesar de não ser acessível a todos os brasileiros, é mais um meio que contribui na veiculação de informação. Esses instrumentos facilitam a circulação da mídia entre a população de classe alta e classe média e também entre a de classe baixa, já com maior acesso aos meios de comunicação referidos, que permitem o conhecimento sobre o que se passa no Brasil e no resto do mundo a respeito de política, de leis, de acontecimentos sociais, entre outras informações. Os autores dos cordéis atuais diferenciam-se dos poetas de cordel da tradição no que diz respeito à escolarização e a maior possibilidade de se informar. Além disso, houve a introdução de um novo público e o meio de circulação da Literatura de Cordel também sofreu uma relativa mudança.

Em relação aos autores de folhetos que tratarei aqui como a nova geração, não são todos que não possuem uma educação formal, trabalham como lavradores, são homens humildes, etc. Existem, atualmente, cordelistas que freqüentaram a faculdade, como Franklin Machado, que se formou em direito e jornalismo.

Muitos cordelistas moram nos grandes centros urbanos, ou seja, muitos poetas populares agora são urbanos e não mais rurais como os de antigamente. Curran (1991) diz que “encontrava-se já nos anos 70 e 80 um poeta de cordel mais facilmente na zona norte do Rio de Janeiro ou na Praça da República em São Paulo do que no sertão do nordeste” (p. 575). O poeta mais recente não sobrevive apenas do cordel, como faziam alguns poetas da tradição. Para sobreviver, eles realizam outros trabalhos, como pedreiro, marceneiro, etc, e escrevem e vendem os folhetos quando podem. São também homens antenados na mídia, assistem e lêem jornais e revistas e estão cientes dos problemas da vida moderna. Esse conhecimento é muitas vezes transformado em versos de cordel, como no folheto *Meninos de rua e a chacina da Candelária; A natureza e o homem*, entre outros títulos. Muitos poetas de hoje em dia trabalham também para a divulgação deste tipo de literatura tornando-se pesquisadores, contribuindo com a experiência de cordelista para a constituição de um saber teórico dessa literatura, como Franklin Maxado, tornando-se curadores de arquivos, como Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel ou levam os folhetos para as escolas, como Manuel Monteiro, Arievaldo Viana e Klevisom Viana, sendo destes dois últimos o projeto *Acorda cordel na sala de aula*.<sup>5</sup>

O público da Literatura de Cordel também mudou. Os sertanejos nordestinos, interlocutores tradicionais, ainda apreciam os versos dos folhetos, mas houve, a partir da década de 70, a inserção de um novo público constituído por “intelectuais, artistas de vários meios de expressão, estudantes de classe média, e turistas com uma curiosidade pelo folclore brasileiro” (CURRAN, 1991, p.572). O poeta, conforme já disse acima, escreve temas que agradem aos seus ouvintes/leitores, para a comercialização dos cordéis. Assim, ele agora também escreve assuntos que chamem a atenção de turistas, intelectuais e de pessoas mais abastadas economicamente. Agora a voz do “povo” é ouvida por todos, desde que os agrade.

O lugar de circulação dos folhetos já não é apenas em feiras e festas das cidades interioranas do nordeste brasileiro. Na verdade, não há mais uma presença marcante dos folhetos de cordel nesses lugares. Vê-se, hoje em dia, os livretos em feiras e mercados de

---

<sup>5</sup> Tais informações a respeito dos cordelistas da nova geração foram obtidas por meio do artigo *A literatura de cordel: Antes e Agora*, de entrevistas concedidas por cordelistas como Franklin Maxado, de leituras de blogs como o de Arievaldo Viana e de conversas pessoais com Gonçalo Ferreira da Silva.

grandes centros urbanos, como as capitais nordestinas e lugares como a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro ou a Praça da República em São Paulo. A recitação dos versos pelos poetas não tem mais espaço nessas feiras. Hoje, o cordelista tem como *marketing* do seu trabalho apenas o título e a capa que precisa chamar a atenção do público. Outro meio em que, atualmente, há uma grande circulação de cordéis é a Internet. Arquivos como o da Casa Rui Barbosa possuem alguns folhetos digitalizados, e também há sites em que é possível comprá-los como o da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Além desses meios de circulação, os folhetos nordestinos aparecem como fonte de inspiração para autores como Ariano Suassuna e Jorge Amado, por exemplo. No cinema brasileiro, observamos a influência do cordel no filme *O Auto da Compadecida*, baseado na obra de Ariano Suassuna, que, por sua vez, se inspirou em leituras de cordéis. Sabemos isso devido à presença do personagem João Grilo, personagem dos folhetos *As palhaçadas de João Grilo*, escrito por João Ferreira de Lima, que depois foi ampliado por João Martins de Athaide com o título de *As presepadas de João Grilo*. Outro lugar onde vemos o cordel atualmente é a escola. Isso é muito interessante, pois esse lugar é uma instituição em que discursos de cultura, folclores e preservação de cultura são circulados. Os poetas de antigamente não tinham uma relação estabelecida com a Escola, porém, hoje em dia, os cordelista da atualidade a procuram para que a sua arte seja preservada.

### 3. Quadro teórico analítico

As análises deste artigo são sustentadas pelo dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de perspectiva materialista, fundada por Pêcheux no final da década de 60. Este teórico propõe pensar sobre a linguagem rejeitando as evidências dos sentidos e os lugares já estabilizados e, para esta reflexão, apresenta o trabalho com a materialidade da língua, no entremeio da trilogia de conhecimento composta por língua/ materialismo histórico/ inconsciente, levando em conta a contradição e o confronto entre teoria e sua prática analítica. A AD, cujo objeto de estudo é o discurso, busca compreender os efeitos de sentido que estão presentes nos discursos e explicitar o funcionamento discursivo por meio de uma análise não subjetiva.

Os sentidos presentes no discurso significam através da relação entre o interdiscurso (constituição dos sentidos, memória discursiva) e o intradiscurso (formulação), sendo que a formulação é determinada pela constituição. “O que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. (...) o dizer (presentificado) se

sustenta na memória (ausência) discursiva”. (Orlandi, 2002:82). Desse modo, é possível observar a ligação do dito com o não dito e a relação destes com as noções de intradiscurso e interdiscurso.

O interdiscurso incorpora os elementos do ‘pré-construído’, definido por Pêcheux (1988), em referência aos trabalhos de P. Henry, como sendo “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (p.99). Ou seja, entendo ‘pré-construído’ como sendo os sentidos que sustentam uma determinada discursividade, fazendo parte da instância da memória discursiva.

A produção dos efeitos de sentido e o discurso podem ser compreendidos por meio do trabalho realizado na relação entre memória e formulação e também pela paráfrase e polissemia, pois todo discurso se faz na tensão entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia). A polissemia traz a idéia de deslocamento, ruptura de processos de significação, enquanto a paráfrase nos remete à idéia de estabilidade, de dizer sedimentado. É no jogo entre a paráfrase e a polissemia que os sujeitos e os sentidos (se) significam. Com a paráfrase (repetição) e a polissemia (deslocamentos, movimentos de deslize) posso observar outras possibilidades de dizeres permitindo o entendimento dos processos e mecanismos de constituição dos sentidos e dos sujeitos.

Para que o analista seja capaz de explicitar o funcionamento discursivo, é importante considerar as condições de produção nas quais o discurso foi produzido. Por esse motivo, apresentei, no início deste artigo, um panorama do percurso da Literatura de Cordel produzida na década de 40 até os dias atuais. Lagazzi (1988), citando Pêcheux (1975) define o conceito de condição de produção como sendo:

ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar no interior das quais se encontra inscrito o sujeito, e a ‘situação’ no sentido concreto e empírico do termo, quer dizer, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientes colocados em jogo (...) (p.56).

Falar em condições de produção me remete a pensar sobre as formações imaginárias, que se representam para o sujeito como a realidade. Estão presentes nas formações imaginárias os seguintes mecanismos de funcionamento do discurso: relação de sentidos, na qual dizeres possuem relações com outros dizeres já realizados ou imaginados; mecanismo de antecipação, pelo qual há a possibilidade do sujeito se colocar no lugar do(s) seu(s) interlocutor(es) e, em relação a este(s), antecipar-se quanto ao sentido que seus dizeres

produzem e, finalmente, a relação de forças, pela qual podemos observar que o lugar ocupado pelo sujeito ao realizar o seu dizer significará o que é dito. São as projeções resultantes das imagens encontradas nos discursos que permitem a passagem de situações empíricas para as posições do sujeito no discurso (Orlandi, 2002).

Tanto as condições de produção quanto as formações imaginárias permitem ao analista atingir a(s) formação(ões) discursiva(s) que se apresenta(m) em um texto<sup>6</sup> e, através destas, chegar às formações ideológicas. Como afirma Lagazzi (1988), uma análise feita sem considerar as condições de produção apontará para um discurso em que serão apagadas as contradições entre as diversas formações discursivas que aí se entrecruzam, além de apontar para um discurso sem memória. Sem as condições de produção não há como o pesquisador compreender o funcionamento discursivo.

A análise deve se pautar pela construção do chamado dispositivo teórico analítico da interpretação. Este dispositivo permite ao analista se deslocar da sua posição de leitor e essa nova perspectiva possibilita a compreensão do processo de produção de sentidos em suas condições, sempre trabalhando no entremeio da descrição com a interpretação. Sobre o espaço de trabalho da Análise de Discurso, Pêcheux (1990) propõe o seguinte:

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (p.53)<sup>7</sup>.

Na sua posição deslocada, o analista procura um lugar de reflexão considerando o descentramento do sujeito, a opacidade da língua e sua materialidade, equívoco e falha, ou seja, ele leva em conta o real da língua. Esse dispositivo investe no trabalho da ideologia.

### **3. O entrecruzamento discursivo: Mídia e senso comum nos folhetos nordestinos**

Os discursos do cordel se entrecruzam com os discursos circulados pela mídia de massa e nesse entrecruzamento, os dizeres do cordel (se) significam. Para dar visibilidade e compreender o funcionamento deste entrecruzamento discursivo, trago, abaixo, os folhetos selecionados para a análise:

---

<sup>6</sup> Um texto, pensado discursivamente, é ou pode ser constituído de múltiplas formações discursivas, nas quais o sujeito pode ocupar mais de uma posição discursiva.

<sup>7</sup> Os lugares de deslizos e derivas dos discursos citados neste trecho são chamados pela A.D. de efeito metafórico.

- A palavra Mensalão;
- ABC dos Tubarões;
- Lula, de metalúrgico a presidente: o operário que virou presidente;
- O divórcio no Brasil;
- A maneira da mulher não ter filhos;
- A natureza e o homem;
- O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno o inferno;
- A CPI do P.C: Impeachment do Collor.

Aqui, pode-se ver cordéis que falam sobre o presidente Lula, sobre a morte de P.C.Farias, sobre o impeachment do ex-presidente Collor, sobre corrupção na política, sobre a natureza, sobre o divórcio e sobre os métodos anticoncepcionais. Todos esses assuntos tiveram ou ainda têm uma grande repercussão na mídia nacional. Conforme já dito antes, o cordelista, principalmente o da geração atual, é um homem informado sobre os assuntos veiculados pela mídia e cujos temas principais tratados nos cordéis são fatos do cotidiano, como as notícias de jornal, por exemplo, que interessem ao público.

Devido a esse fato, muitos pesquisadores, como Kunz (2001), afirmam que o cordel tem o caráter jornalístico de informar. Concordo com essa autora no que diz respeito aos cordéis produzidos no início, na região nordestina, onde a população não tinha meios de se informar sobre o que acontecia no Brasil. Porém, com a chegada da televisão e do rádio à grande parte da população brasileira, o cordel não tem mais esse papel social de informar, pois o que ele traz é uma reafirmação dos assuntos que já circulam na mídia de massa. Ou seja, no cordel não podemos dizer que há o novo, mas a reafirmação de discursos midiáticos. Dessa maneira, as questões sócio-históricas do Brasil trazidas nos folhetos têm a sua configuração pautada pelos dizeres da mídia de massa, como jornais televisivos, por exemplo, configurando sua relação com o senso comum. O cordelista, portanto, fala do comum, do já estabilizado pela mídia, do senso comum.

É interessante pensar sobre o senso comum, pois ele, por parecer banal, merece nossa desconfiança. Conforme já dizia Barthes (1987), desconfiando do senso comum teremos uma crítica social baseada no histórico, no político e, assim, poderemos desconstruí-lo para compreender como se configura o sujeito e os discursos no meio do comum, do já-dito estabilizado e estereotipado.



Prado Jr. (*apud* LAGAZZI, 1988) traz uma acepção sobre o senso comum que o coloca em um lugar de tensão:

(...) o senso comum é o conjunto das opiniões tão geralmente admitidas numa época e num meio dados, que as opiniões contrárias aparecem como aberrações individuais, que será inútil refutar seriamente e das quais é melhor rir, se forem fúteis, mas que será melhor tratar ('soigner') se forem graves. (p.30).

Dessa forma, o senso comum, por ser admitido numa época e num dado meio, é constituído historicamente, mas é naturalizado por um efeito do funcionamento da Ideologia. Lagazzi (1988), citando Geertz (1983), diz que o senso comum coloca as coisas de maneira literal, sendo apenas aquilo e não outra coisa, ou seja, os sentidos existentes nos senso comum não tendem para o deslize, para o deslocamento (polissemia) e sim para a estabilidade, a repetição (paráfrase).

Observemos os seguintes trechos selecionados:

Pegaram o termo mensal  
Juntaram ao “ão” de **ladrão**  
E foi aí que nasceu  
A palavra mensalão  
e chegou para ficar  
**hoje, onde ela está**  
**indica corrupção.**  
(*A palavra Mensalão*)

**O cão gritou: “Corram logo**  
**Abram aquela porta ali**  
**Naquela caldeira grande**  
**E me tragam logo aqui**  
**Quatro ou cinco deputados**  
**Especialistas em CPI.**  
(*O dia em que P.C.Farias infernizou o inferno*)

Tem dimensão mundial,  
Universal amplitude,  
**Pulmão do mundo e saúde**  
**Da geração atual**  
**A Amazônia é vital,**  
**Fonte da vida e beleza**  
**Portanto em sua defesa**  
**É mais do que necessário**  
**Preservar-se a santuário**  
**Da nossa mãe Natureza.**

Precisamos com clareza  
E visão objetiva  
**A favor da Natureza**  
**Preservando-lhe a riqueza**  
Livre da poluição  
Coibir a devastação  
Cultivar a fauna e flora  
Mostrar que o problema agora  
Pertence a nossa Nação  
(*A natureza e o homem*)

**Fiquemos todos atentos**  
Prestando toda a atenção  
**Pra escolher um candidato**  
Agora nessa eleição,  
**Pra dar um voto seguro**  
**Pra não votar no escuro**  
**Pra qualquer Tubarão.**  
(*ABC dos Tubarões*)

O Brasil está passando  
Por uma grande mudança  
Derrotou a burguesia  
Que tirou nossa bonança  
**O povo perdeu o medo**  
**Votou com mais confiança.**

**Graça a Deus o povão**  
**Despertou para um novo dia**  
**Usando a força do voto**  
Com sua soberania  
No processo democrático  
Derrota a aristocracia.

(...)

**Agora é a vez do povo**  
**Dar o seu grito de guerra**  
**Com Lula na presidência**  
O povo serrou o Serra  
Foi uma questão de honra  
Em respeito a nossa terra.

(*Lula, de matalurgico a presidente: o operário que virou presidente*).

Porém nesta conversa  
 Eu mesmo não acreditei  
 Num CORDEL que escrevi  
 A todo mundo alertei  
 Numa linguagem bem simples  
 Foi mesmo assim que eu falei:

**“Cuidado com este homem  
 verifiquei seu passado  
 não vá em sua conversa  
 não seja mais enganado  
 esse tal Collor de Mello  
 é candidato safado”.**

*(A CPI do PC: Impeachment do Collor )*

Mas se a leitora deseja  
 Na realidade saber  
 Como se evita um filho  
 Sem um mal acontecer...  
 Vou dar o esclarecimento  
 Com base, com fundamento,  
 No seu modo de entender.

- Primeira maneira é  
 de nenhum homem gostar  
 não querer de forma alguma  
 com um varão se juntar;  
 ao depois viva sozinha  
 trancada numa camarinha  
 para nenhum homem lhe olhar!

Esta é a única maneira  
 De evitar, com certeza,  
 Da mulher não conceber,  
 Violando a natureza,  
 O mais tudo não tem nexo...  
 Quem contraria o seu sexo  
 Vive no mar de tristeza!

**Vivem mulheres morrendo  
 Hoje nas maternidades  
 Por causa dessas tais pílulas  
 Causando mil orfandades...  
 Viúvos se peneirando  
 E outra vez se casando  
 Buscando felicidades!**

*(A maneira da mulher não ter filhos)*

**Para se divorciar  
Precisa estar preparado**  
Saber mesmo se já pode  
Viver doutro separado  
E se conscientizar  
Para depois não ficar  
Fazendo mal assombrado

(...)

Ao papa eu dou razão  
Aos padres também  
Sou muito amigo da igreja  
E a Jesus quero bem  
Vamos enfrentar a empleita  
Lutando é que a gente ajeita  
As curvas que o mundo tem

Todo brasileiro tem  
Razão de manifestar-se  
Seja pobre ou seja rico  
Da alta ou da baixa classe  
A semente está plantada  
Se a ementa for aprovada  
Agora a lavoura nasce  
(*O divórcio no Brasil*)

Nos recortes acima, dizeres como “*Pegaram o termo mensal/e juntaram com o ao de ladrão’/(...)/hoje onde ele está/ indica corrupção*”; “*O cão gritou logo/me tragam logo aqui/ quatro ou cinco deputados/ especialistas em CP*”; “*Fiquemos todos atentos/ pra escolher um candidato*”; “*O povo perdeu o medo/ votou com mais confiança*”; “*É mais do que necessário/preservar a santuário/ da nossa Mãe natureza*”; “*vivem as mulheres morrendo/ hoje nas maternidades/ por causa dessas tais pílulas*”; “*Pra se divorciar/ precisa estar preparado*” nos remete a pensar sobre corrupção, sobre CPIs, sobre preservação da natureza, sobre o ato de votar, sobre pílula anticoncepcional e sobre divórcio, questões que foram naturalizadas em discussões sobre a política brasileira, o meio ambiente e a vida social da população. ‘Associa-se a corrupção à política’, ‘no senado todos são ladrões’, ‘Temos que votar com consciência’, ‘a Amazônia é o pulmão do mundo’, ‘o uso da pílula anticoncepcional e o divórcio proliferam na sociedade’ são exemplos de dizeres já estabilizados e naturalizados, principalmente pela sua repetição na mídia, o que produz um efeito de senso comum, por meio do qual os dizeres do cordel (se) significam e significam

para os interlocutores por meio do poético, produzindo outros efeitos de sentido no já estabilizado, no comum.

#### 4. Considerações finais

Neste artigo, pude contemplar um assunto que me chamou muito a atenção durante a minha pesquisa de mestrado: a relação discursiva entre os dizeres circulados na mídia e os veiculados nos versos dos folhetos. Por meio das análises, compreendi que tal relação se constitui por meio da reafirmação dos discursos midiáticos através dos dizeres dos cordéis. Tal reafirmação de dizeres, de assuntos, de discursos, produz um efeito de senso comum. Porém, observa-se algo interessante na Literatura de Cordel: o senso comum é circulado pelo poético. E é nesse meio poético que se dá a diferença dos sentidos circulados pela/na mídia e pelos/nos cordéis. O poético, por tocar o sensível, o emocional (JAKOBSON, 1969) do interlocutor desloca os sentidos dos dizeres produzindo outros efeitos, diferentes dos produzidos pela mídia informativa, cuja função é informar e não de tocar o emocional do público. Assim, o folheto nordestino não é apenas um simples livreto, ele é um material discursivo que nos toca, nos desestabiliza por meio do poético e nos permite pensar no que é comum.

#### REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1987.

CURRAN, M. J. A Literatura de Cordel: Antes e Agora. In.: **Hispania**, Vol. 74, no. 3, Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, Literature and Culture, pp. 570-576, 1991.

KUNZ, Martine. **Cordel: A voz do verso**. Fortaleza/CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. (Coleção Outras Histórias, v. 6).

LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes Editores, 1988.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Editora Codrecri, 1980.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto, formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso, princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1975.

\_\_\_\_\_. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 1990.

**SITES CONSULTADOS**

[www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/lista\\_poeta.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/lista_poeta.html). Consultado no dia 22/05/2009.

<http://www.flogao.com.br/arievaldocordel/foto/101/92626509>. Consultado no dia 24/05/2009.  
Consultado no dia 25/05/2009.